

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Agro-bioenergia

Período de Análise: 01/04/2016 a 30/04/2016

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico

Jornal O Globo

Jornal Estado de São Paulo

Sítio eletrônico do MDS

Sítio eletrônico do MDA

Sítio eletrônico do INCRA

Sítio eletrônico do MAPA

Sítio eletrônico da Agência Carta Maior

Sítio Eletrônico da Fetraf

Sítio Eletrônico da MST

Sítio Eletrônico da Contag

Sítio Eletrônico da CNA

Site Eletrônico da ABAG

Site Eletrônico da CONAB

Site Eletrônico da CPT

Site Eletrônico do MMA

Carta Capital

Estagiária: Ananda da Silveira

Índice

Preço do açúcar cai em meio a especulação sobre corte na gasolina. O Globo, Economia. 04/04/2016.....	3
--- Erro! Indicador não definido.	
GranBio paralisa temporariamente usina de etanol celulósico em Alagoas. Fabiana Batista – Valor Econômico. 05/04/2016.	4
EPE prevê consumo estável de gasolina nos próximos dez anos. André Ramalho – Valor Econômico. 13/04/2016.....	6
Baixo impacto garante aprovação a usina. Rodrigo Polito – Valor Econômico. 22/04/2016.....	7
Governo prevê queda de consumo de energia e diesel. Rodrigo Polito e André Ramalho – Valor Econômico. 22/04/2016.	7
Renováveis podem receber sinal econômico favorável. Roberto Rockmann – Valor Econômico. 28/04/2016.....	9

Preço do açúcar cai em meio a especulação sobre corte na gasolina. O Globo, Economia. 04/04/2016

Redução no valor do combustível pode reduzir demanda interna por etanol

SÃO PAULO - O preço do açúcar atingiu uma mínima em três semanas nesta segunda-feira diante da especulação sobre um possível corte no preço da gasolina estudado pela Petrobras, o que poderia enfraquecer a demanda pelo etanol e pressionar fornecimento extra da commodity nos mercados internacionais.

A estatal avalia reduzir o preço do combustível a fim de reverter a queda na demanda interna e conter importações, conforme revelado pelo colunista do GLOBO Lauro Jardim no domingo, enquanto houve forte reação entre os integrantes do Conselho de Administração da companhia, que não haviam sido informados previamente sobre a decisão.

Preços mais baixos da gasolina tornariam o etanol produzido da cana-de-açúcar menos atrativo aos consumidores, o que poderia prejudicar a demanda e estimular as usinas a produzir mais açúcar. No ano passado, a Petrobras elevou o preço da gasolina em 6% na tentativa de impulsionar a geração de baixa em meio à queda das cotações de petróleo. A medida teve impacto positivo para os produtores de etanol, que se tornou mais competitivo.

Os preços do açúcar com entrega para maio caíram até 3,6%, para US 14,64 na bolsa ICE Futures de Nova York, após atingir US\$ 14,61, o menor nível para o contrato mais ativo desde 10 de março. O movimento segue duas semanas consecutivas de queda em meio à esperada melhora da oferta do país, onde a expectativa é que haja uma melhor colheita entre os produtores.

DÍVIDA DO ETANOL

Uma redução de preço da gasolina seria ruim para indústria do etanol, pois as companhias têm grande volume de dívidas contraídas quando os preços domésticos eram inferiores aos internacionais e não têm como lidar com um corte no preço do

biocombustível, afirmou Plinio Nastari, presidente da consultoria Datagro, à Bloomberg nesta segunda-feira.

— A indústria tem usado a maior parte do seu dinheiro para pagar juros e não tem espaço para absover menores preços do etanol — disse o executivo.

VALORES EM QUEDA

A commodity avançou 5% em 2015, a primeira alta em quatro anos de queda que tiveram forte impacto sobre várias usinas com dificuldades financeiras pelo mundo e levou muitas a fecharem, incluindo fábricas menos eficientes no Brasil.

O fantasma de uma receita menor para indústria empurrou para baixo as ações de alguns dos maiores produtores do setor em São Paulo. A Cosan, que produz açúcar e etanol, teve o pior desempenho no índice Ibovespa, recuando 9%, a R\$ 28,97. Já a São Martinho caiu 7%, a caminho da maior perda desde junho de 2009.

Se o preço da gasolina cair, “então espere que a paridade do etanol recue ainda mais e dê maior motivação” às usinas a produzir mais açúcar, afirmou Michael McDougall, diretor-sênior do Societé Generale em Nova York, à Bloomberg.

GranBio paralisa temporariamente usina de etanol celulósico em Alagoas. Fabiana Batista – Valor Econômico. 05/04/2016.

A GranBio, holding da família Gradin, vai paralisar temporariamente sua usina de etanol celulósico em Alagoas, a Bioflex. A empresa informou que a parada, prevista para durar até outubro, permitirá uma avaliação de outras tecnologias da etapa de pré-tratamento da matéria-prima — a palha da cana, usada na produção do etanol de segunda geração.

Essa etapa é uma das principais do processo. Nela, a estrutura da biomassa é preparada para que, na etapa seguinte, as enzimas possam “quebrar” os açúcares contidos dentro da celulose da biomassa em açúcares mais simples de serem fermentados e convertidos em etanol.

O vice-presidente de Negócios da GranBio, Allan Hiltner, explicou que a companhia ainda não conseguiu manter a planta operando continuamente na etapa de pré-

tratamento, e nem atingir os níveis de carga previstos no contrato de tecnologia da planta.

“Os desafios tecnológicos se mostraram maiores do que os esperados originalmente, mas a empresa mantém a confiança de que reverterá essa situação o mais rapidamente possível”, disse.

A GranBio espera que a fábrica volte a operar em outubro com cerca de 50% da capacidade. A empresa quer atingir “zero” de ociosidade até o fim de 2017.

A Bioflex, localizada no município alagoano de São Miguel dos Campos, entrou em operação em setembro de 2014, com capacidade para fabricar 82 milhões de litros de etanol celulósico por ano. Em 2015, no entanto, produziu apenas 4 milhões de litros.

Uma série de ajustes tecnológicos vem sendo feita desde que a fábrica deu a partida. Entre eles, a redução do nível de impurezas minerais que eram trazidas do campo juntamente com a matéria-prima (palha) — que caiu de 8%, no início do projeto, para atuais 2%. O excesso de “areia” que entrava na fábrica foi um problema sério no passado, à medida que danificava as estruturas metálicas da usina, tais como válvulas, bombas e tubulações.

Além da Bioflex, da GranBio, há uma outra unidade de etanol celulósico em operação no país, da Raízen Energia, instalada na usina Costa Pinto, em Piracicaba (SP). Fora do Brasil, os projetos também estão enfrentando gargalos tecnológicos para operar em grande escala, conforme fontes do mercado.

Mais do que um novo processo de fabricação de biocombustíveis, a tecnologia do etanol celulósico é considerada por especialistas como uma das maiores inovações do setor de agronegócios das últimas duas décadas, já que permite ampliar a produção do biocombustível com “resíduos” agrícolas — bagaço e palha de cana, palha de milho, entre outros.

Antes de dar partida na fábrica, em setembro de 2014, a GranBio também enfrentou alguns percalços, que resultaram no atraso de cerca de seis meses na inauguração da planta, a primeira de etanol celulósico a operar no mundo.

À época, a empresa informou que os investimentos na empreitada haviam superado em 35% o valor projetado e alcançado US\$ 265 milhões — US\$ 190 milhões na usina e US\$ 75 milhões em uma planta de cogeração no mesmo complexo.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) é o grande parceiro financeiro da GranBio no projeto — financiamento de R\$ 300 milhões e aquisição de uma fatia de 15% no projeto, por R\$ 600 milhões, via seu braço de participações, a BNDESPar.

O projeto todo da GranBio é o de investir R\$ 4 bilhões para construir quatro usinas de etanol de segunda geração, duas unidades bioquímicas e duas biorrefinarias flexíveis.

EPE prevê consumo estável de gasolina nos próximos dez anos. André Ramalho – Valor Econômico. 13/04/2016.

A Empresa de Pesquisa Energética (EPE) já trabalha com a previsão de que a média do consumo de gasolina A (sem a adição de etanol anidro) se mantenha estável ao longo dos próximos dez anos, em função do cenário de retração da economia, disse, no início da tarde desta quarta-feira, o diretor de Estudos do Petróleo, Gás e Biocombustíveis da EPE, Gelson Serva.

Esse novo cenário, influenciado pelo menor crescimento da frota de veículos leves e menor crescimento da economia no longo prazo, deve ser divulgado no plano decenal 2016-2025. No último planejamento da EPE, havia uma expectativa de crescimento de 1,3% ao ano no consumo do combustível.

“Já vislumbramos uma estabilização da demanda. A nossa expectativa preliminar aponta para uma tendência de que não teríamos mais déficit de gasolina ao final desse período decenal”, disse o diretor, durante evento do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP), no Rio.

Segundo Serva, um eventual crescimento do consumo de combustível pelos veículos leves seria suprido pelo aumento da produção de etanol, que deve aumentar sua participação na matriz.

De acordo com dados preliminares apresentados hoje pelo diretor, o déficit de gasolina das regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste seria suprido pelas refinarias do Sudeste e não demandaria mais importação.

O novo plano decenal deve projetar também uma redução no ritmo de crescimento do consumo de diesel A (não misturado ao biodiesel). O último plano da EPE previa um crescimento de 2,5% ao ano nas vendas do derivado.

Ainda de acordo com a previsão da EPE, mesmo com as revisões das premissas do mercado, o Brasil manteria a dependência de importação do combustível, mas num patamar menor que o estimado atualmente. No plano decenal 2015-2024, o déficit previsto no mercado de diesel é de 230 mil barris diário em 2024.

Baixo impacto garante aprovação a usina. Rodrigo Polito – Valor Econômico. 22/04/2016.

Teles Pires terá capacidade total em maio

Situada na floresta amazônica, na divisa entre Mato Grosso e Pará, a hidrelétrica de Teles Pires, cuja última turbina entrará em operação em maio, é o típico exemplo do modelo de construção de usinas em tempos de exigências ambientais mais rígidas.

Desde os investimentos socioambientais, que responderam por cerca de um terço dos R\$ 5 bilhões investidos no empreendimento, até a pequena área alagada, a usina é economicamente barata, ambientalmente sustentável e relevante do ponto de vista energético - é a 9ª maior hidrelétrica do país. Mais de 75% dos habitantes dos principais municípios afetados aprovam o empreendimento.

Governo prevê queda de consumo de energia e diesel. Rodrigo Polito e André Ramalho – Valor Econômico. 22/04/2016.

O governo jogou a toalha e já admite oficialmente a previsão de queda do consumo de energia em 2016, na comparação com 2015, consolidando dois anos seguidos de queda da demanda, devido à deterioração do cenário econômico do país. Com relação ao mercado de combustíveis, o governo espera recuo do mercado de diesel, que possui variação a mais atrelada ao PIB, e estabilidade no consumo de combustíveis do chamado "Ciclo Otto" (gasolina, etanol e gás natural).

O Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) e a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) projetam queda de 2,4% da carga (consumo mais perdas) no sistema este ano, para 64.573 megawatts (MW) médios. Para 2017, as duas instituições reduziram a estimativa de crescimento, de 3,6% para 2,5%.

Para o período 2015-2020, a previsão de crescimento também recuou, passando de um aumento médio de 2,9% ao ano para uma alta média de 2,7% ao ano. Segundo as duas instituições, as revisões se devem à deterioração da conjuntura econômica e seus impactos para o médio prazo. Elas ampliaram a previsão de queda do PIB este ano, passando de um recuo de 2% para uma retração de 3%.

Para Pedro Machado, sócio-diretor da consultoria GV Energy, além da já esperada queda de consumo no setor industrial, destaca-se o péssimo desempenho dos segmentos residencial e comercial, que até então resistiam à crise. "Nossa equipe acredita que o residencial e o comercial sofrerão quedas e se juntarão ao já combalido e decrescente consumo da indústria em 2016", disse. A GV Energy projeta uma queda de 1,6% do consumo de energia no país em 2016.

Já a consultoria Thymos Energia estima uma queda de 0,4% do consumo este ano. Devido ao desligamento de mais térmicas e à manutenção da bandeira tarifária verde, a Thymos prevê um crescimento tarifário médio em 2016 de apenas 3%, abaixo da inflação do período.

No mercado de combustíveis, a previsão é que as vendas de diesel voltem a cair este ano, caso se confirme a expectativa de recuo do PIB. "O diesel é o [combustível] que está mais atrelado ao PIB. Então, se o PIB continuar caindo, o diesel tende a acompanhar", afirmou o superintendente-adjunto de abastecimento da Agência Nacional de Petróleo (ANP), Rubens Freitas, em março, durante apresentação dos resultados das vendas de distribuidoras de combustíveis em 2015.

Ainda de acordo com a análise apresentada pelo superintendente, na ocasião, o consumo de combustíveis Ciclo Otto (gasolina, etanol e gás natural veicular) deve se manter estável em 2016.

No longo prazo, a expectativa é que a estabilidade se mantenha na comercialização de gasolina. Segundo o diretor de estudos do petróleo, gás e biocombustíveis da EPE, Gelson Serva, a estatal já trabalha com a previsão de que a média do consumo de

gasolina A (sem a adição de etanol anidro) se mantenha estável ao longo dos próximos dez anos.

Esse novo cenário, influenciado pelo menor crescimento da frota de veículos leves e menor aumento da economia no longo prazo, deve ser divulgado no plano decenal 2016-2025, ainda sem previsão de divulgação. No último planejamento da EPE, havia uma expectativa de crescimento de 1,3% ao ano no consumo do combustível.

"Já vislumbramos uma estabilização da demanda. A nossa expectativa preliminar aponta para uma tendência de que não teríamos mais déficit de gasolina ao fim desse período decenal", disse o diretor ao **Valor**, na semana passada.

Para o diretor, um eventual aumento do consumo de combustível pelos veículos leves seria suprido pelo aumento da produção de etanol, que deve ampliar sua participação na matriz. O novo plano decenal deve projetar também uma redução no ritmo de crescimento do consumo de diesel A (não misturado ao biodiesel). O último plano da EPE previa um crescimento de 2,5% ao ano nas vendas do derivado.

Já no mercado de gás natural, a avaliação da Associação Brasileira das Empresas Distribuidoras de Gás Canalizado (Abegás) é que o consumo deve novamente cair este ano, diante das expectativas de menor despacho termelétrico e de nova retração na economia.

Renováveis podem receber sinal econômico favorável. Roberto Rockmann – Valor Econômico. 28/04/2016.

O caminho para ampliar a adoção de fontes renováveis na matriz global passa pela adoção de critérios econômicos que mensurem o impacto ambiental de todas as fontes quando se busca a contratação, sistemas de energia mais flexíveis, como a rede inteligente de energia, que permitam maior uso de usinas eólicas e solares e estímulo a veículos mais eficientes e que consumam mais biocombustíveis. Esses são os principais pontos recomendados pelo estudo “Roteiro para a Energia do Futuro Renovável”, publicado recentemente pela Agência Internacional de Energia Renovável (Irena, sigla em inglês).

A reunião sobre o clima, realizada em Paris, em dezembro, poderá mudar uma regra existente no mercado de energia: quando a cotação do barril de petróleo disparava,

investimentos em energias renováveis eram acelerados, quando o preço caía, os incentivos eram reduzidos. Hoje isso pode ter mudado. O sinal econômico favorável às fontes renováveis poderá vir da nova postura de grandes investidores, que estão cada vez mais interessados em observar os impactos das mudanças climáticas sobre seus negócios. Nos Estados Unidos, fundos de pensão como o New York State Common Retirement e o de aposentados da Universidade da Califórnia, já começaram a exigir das petroleiras nas quais investem informações sobre como as empresas se preparam para a economia de baixo carbono. Para Lavinia Rocha de Hollanda, coordenadora de Pesquisa da FGV Energia, o cenário energético mundial mudará nas próximas três décadas com uma preocupação crescente em relação ao aquecimento global. “O mundo caminha para um avanço das energias renováveis e é um caminho sem retorno em um ambiente em que a precificação do carbono ganha alcance”, destaca.

“O petróleo funcionou por décadas como preço diretor das fontes de energia, mas agora podemos assistir ao início do fim dessa era, com as medidas de Paris tendo realmente efeito”, diz o ex-diretor da Agência Nacional do Petróleo (ANP) Helder Queiroz. Segundo ele, a velocidade de penetração de novas tecnologias, como o carro elétrico e a energia solar, o que reduziria o consumo de petróleo, dependerá da criação de políticas públicas de incentivo para essas fontes. Em dezembro, os 195 países representados na Conferência do Clima em Paris chegaram a um acordo, que valerá a partir de 2020, obrigando a participação de todas as nações no combate às mudanças climáticas. O acordo faz referência a esforços para limitar o aumento da temperatura a 1,5°C. “A velocidade da adoção depende de estímulo em um momento em que o mundo está crescendo a um ritmo inferior ao da década passada, mas os riscos ambientais são maiores”, diz.

Outro ponto a ser observado é a mudança da matriz de transportes. No Brasil, que responde por 3% do consumo de derivados no mundo, metade da demanda energética se origina do setor de transportes, com as rodovias respondendo por 60% da circulação de mercadorias. A Agência Internacional de Energia (AIE) prevê que, em 2035, o petróleo, o gás natural e o carvão fornecerão 75% da energia consumida em todo o mundo.

O desafio do Brasil será destravar diversificar a matriz de transportes e deslançar um novo ciclo de investimentos no setor sucroalcooleiro, atingido pelo alto endividamento e pela política de controle dos preços dos derivados de petróleo, vigente entre 2009 e

2013. Mais de 60 usinas de açúcar e álcool fecharam as portas nos últimos quatro anos, e o país teve de importar etanol de milho dos Estados Unidos, em alguns momentos, para abastecer a frota interna. “O mercado mundial de biocombustíveis também não decolou, o que reduziu o incentivo aos produtores nacionais, que agora se encontram em um momento delicado”, destaca Daniel Rocha, diretor executivo da Accenture Strategy e líder da indústria de energia.

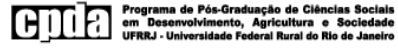
Desde 1990, o Brasil tem assistido a mudanças nas emissões de gases de efeito estufa. A queda nas taxas de desmatamento da Amazônia se combinou ao aumento da frota de veículos e ao predomínio dos caminhões movidos a diesel para transportar mais da metade das cargas produzidas no país. Resultado: o setor de energia representa 29% das emissões totais, quase o triplo dos 11% em 2003. Enquanto no mundo o carvão é o principal emissor, no Brasil o petróleo é a principal fonte de poluentes globais, respondendo por 72% das emissões de dióxido de carbono em 2013, ainda segundo o relatório do Observatório do Clima, divulgado em agosto do ano passado.

“O Brasil é um país sobre rodas e isso demandará muitos anos para ser revertido”, afirma o coordenador do núcleo de logística e supply chain da Fundação Dom Cabral, Paulo Resende. O desafio que se coloca é diversificar a matriz de transportes – ampliando o uso de outros modais, como hidrovias, ferrovias, cabotagem – e avançar no uso de etanol e biodiesel nos tanques de caminhões e máquinas pesadas. O modal rodoviário consome cinco vezes mais que o ferroviário e sete vezes mais que a cabotagem. A demanda pelo etanol será crescente, podendo saltar dos atuais cerca de 25 bilhões de litros para algo entre 47 ou 68 bilhões em 2020. Sem maior produção local, será preciso aumentar a importação de etanol vindo dos Estados Unidos, menos competitivo, ou usar mais derivados de petróleo, também importados, já que a Petrobras, para recuperar suas contas, vem reduzindo os investimentos em refino.

Coordenador
Sergio Leite



Pesquisadores
Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,
Fábio Luiz Búrgio, Georges Flexor, Jorge Romano,
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior



Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Assistentes de Pesquisa
José Renato S. Porto

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214
Fax: 21 2224 8577 - r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

Secretária
Diva de Faria